

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

ROSIANE CRISTINA PINTO LANA

**MEMORIAL ACADÊMICO**  
PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO: A IMPORTÂNCIA  
DO OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

PATOS DE MINAS-MG

2021

ROSIANE CRISTINA PINTO LANA

MEMORIAL ACADÊMICO  
PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO: A IMPORTÂNCIA  
DO OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Trabalho apresentado ao Curso de  
Pedagogia a Distância da FAGED/UFU  
como exigência parcial para obtenção do  
título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Maria Irene Miranda

PATOS DE MINAS-MG

2021

## **RESUMO**

A alfabetização possui um papel crucial na vida do ser humano, sendo o alicerce para o processo de aquisição da leitura e da escrita, habilidades indispensáveis para o desenvolvimento da aprendizagem escolar, desse modo este processo deve ocorrer com qualidade buscando atender as necessidades dos estudantes. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo descrever meu memorial acadêmico traçando um paralelo dos problemas de aprendizagem na alfabetização através da importância do olhar sobre a prática docente. Como abordagem metodológica, utilizou-se a bibliografia e o levantamento exploratório que discutem o assunto, o que levantou algumas questões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos educadores e os métodos de auxílio à alfabetização dos alunos e como a escola contribui para esse progresso. Entende-se que a alfabetização vai muito além da leitura e da escrita, assim requer docentes que se comprometam a promover a vivência dos alunos no mundo da alfabetização, para que saibam entender o que lêem e escrevem e como utilizar essas habilidades na vida diária. É preciso que o alfabetizador considere a particularidade de cada aluno, e repense constantemente sua prática docente, refletindo sobre seu comportamento e compreendendo como ocorre o progresso da aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Prática Docente. Leitura. Escrita.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO .....   | 5  |
| Uma trajetória de amor pela pedagogia.....                                     | 7  |
| O DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA<br>DOCENTE ..... | 11 |
| O Processo de Alfabetização .....  | 11 |
| Os Problemas de Aprendizagem na Alfabetização .....                            | 14 |
| A Prática Docente para Alfabetização.....                                      | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 21 |
| REFERÊNCIAS: .....   | 22 |

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão do curso (TCC) de Pedagogia à Distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU), apresento o meu memorial acadêmico, por meio do qual revelo o meu percurso formativo e meu interesse no estudo da alfabetização, abordando a seguinte temática: “Alfabetização: a importância sobre o olhar da prática docente”.

O trabalho de conclusão de curso (TCC) é um componente curricular obrigatório para finalização de um curso de graduação, ou seja, é uma atividade acadêmica apresentada no final do curso, que evidencia os conhecimentos técnico-científicos do discente ao longo da sua formação. Sendo assim, o TCC deve possuir relação com o campo de formação do aluno e ao final o trabalho é apresentado a uma banca examinadora, responsável por avaliar o conteúdo, considerando se o discente está apto à aprovação e obtenção do título de graduado.

Luckesi (2006) destaca ainda a importância do TCC como uma ferramenta com função formativa que contribui diretamente para o processo de avançar e se desenvolver, gerando autonomia e competência para o discente.

Entretanto, cada instituição é responsável por determinar qual formato será utilizado para o desenvolvimento do TCC. Assim sendo, no curso de Pedagogia da FACED/UFU foi adotada a forma de Memorial, que consiste em reconstruir a trajetória pessoal, as experiências e os aprendizados, resgatando e destacando memórias acompanhadas de uma reflexão. De acordo com Ricoeur (1997) a narrativa de um Memorial permite e oferece ao sujeito não simplesmente a possibilidade de pensar sobre si, mas contar sobre si, narrando, assim, sua própria história. Ainda nesse sentido o autor afirma que a vida narrada não é a vida vivida. A experiência da narrativa é aquela que modifica o vivido, ou, seja uma (re)figuração dessa mesma vida.

Para Severino (2000, p.175) Memorial:

Constitui-se numa autobiografia, histórica e reflexiva. Deve ser composto sob a forma de relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor. SEVERINO (2000, p.175).

O objetivo deste trabalho é descrever meu memorial acadêmico traçando um paralelo com a alfabetização e a importância do olhar sobre a prática docente. Assim sendo, os objetivos específicos são: favorecer o resumo da minha vida acadêmica, experiências, aprendizados, fatos significativos resgatados por minhas memórias. Além disso, refletir sobre o ingresso na educação superior e analisar a respeito da alfabetização e a visão do professor sobre esta prática pedagógica.

De acordo com Connelly; Clandinin, (1995, p.11):

Somos organismos contadores de histórias, tanto professores quanto alunos são contadores e personagens de suas próprias histórias e dos demais, histórias pessoais e sociais. CONNELLY; CLANDININ, (1995, p.11).

Portanto, a realização desse trabalho significou muito para minha formação acadêmica como pedagoga, pude refletir e apropriar-me da minha trajetória acadêmica a qual nunca havia parado para pensar, além disso, adquiri novos conhecimentos que me fizeram crescer como pessoa e como futura profissional. Vale ressaltar ainda que me senti muito contente durante a realização do TCC, apesar de todas as dificuldades diante do novo, consegui superá-las adotando uma postura mais crítica e reflexiva.

Este memorial está dividido em duas seções, na primeira seção será apresentada a minha trajetória acadêmica e os interesses construídos ao longo do processo que culminaram no objeto de estudo do TCC com foco na alfabetização. Na segunda seção será abordado o referencial teórico que embasa o estudo e reflexões acerca da temática, revisitando a bibliografia da área.

## UMA TRAJETÓRIA DE AMOR PELA PEDAGOGIA

Contar é muito dificultoso, não pelos anos que já passaram, mais pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho, que nem se misturam (...) têm horas antigas que ficaram muito perto da gente do que outras de recentes datas.

Guimarães Rosa

Acredito que escrever um memorial seja uma tarefa difícil e um grande desafio para o autor, que busca evocar de sua memória todas suas vivências, aprendizagens e experiências durante sua trajetória acadêmica. SILVA (2010) afirma que:

Falar sobre a minha a vida escolar, minha vida acadêmica, é fazer [...], é contar [...]. É olhar para um tempo longe e trazê-lo para mais perto, é como se desse um “zoom” em momentos da nossa história. (SILVA, 2010, p.602).

Para apresentar minha trajetória começarei me apresentando. Eu me chamo Rosiane Cristina Pinto Lana. Tenho 33 anos, sou psicóloga e graduanda em Pedagogia, natural de João Pinheiro, MG. A partir deste momento vou descrever um pouco sobre meu percurso acadêmico.

No final de 2017 estava finalizando um curso superior em Psicologia, quando soube do vestibular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), por meio da minha orientadora de estágio em Psicologia Educacional. Resolvi fazer minha inscrição, mas despretensiosamente, em francas palavras não acreditei que daria certo. Quando recebi o resultado fiquei muito feliz, e mesmo cansada por está terminado um curso de cinco anos não hesitei e realizei meu ingresso a UFU, pois o conhecimento não pode ser algo estanque, deve estar sempre em constante movimento, ou seja, ele nunca é demais na vida do ser humano.

A escolha em cursar Pedagogia surgiu por meio da minha experiência como estagiária da prefeitura na Educação Infantil por dois anos, bem como em razão da realização de estágio na área de Psicologia educacional quando cursava Psicologia. Assim, me apaixonei pela área e acredito que com a Pedagogia posso agregar mais conhecimento ao meu currículo e trilhar novos caminhos, quem sabe futuramente em sala de aula ou na realização de uma pós-graduação em Psicopedagogia.

O curso de Pedagogia tem como objetivo formar profissionais para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, dentre outros espaços.

[..] Cursos de Pedagogia hoje tem como objetivo central à formação de profissionais capazes de exercer a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas para a formação de professores, assim como para a participação no planejamento, gestão e avaliação de estabelecimentos de ensino, de sistemas educativos escolares, bem como organização e desenvolvimento de programas não-escolares [..](BRASIL, 2006, p. 5).

O início do curso em pedagogia não foi um processo fácil, pois o fato de ser a distância facilitou por um lado e por outro não. Facilitou pela flexibilidade dos estudos no portal onde poderia escolher o melhor horário para realizar minhas atividades, porém, em contrapartida, tive que aprender a estudar sozinha, o que me deixava com muitas dúvidas e frustração ao realizar as tarefas. Outro fator preponderante era o fato de ainda não saber utilizar corretamente as ferramentas do moodle para mandar mensagem para tutora, postar um fórum ou até mesmo uma atividade avaliativa. Ao definir a Educação a Distância SANCHEZ, (2005) afirma que:

Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (SANCHEZ, 2005, p. 101).

Durante o curso foram desenvolvidas várias matérias que enriqueceram meu currículo como futura pedagoga. No entanto, encontrei muita dificuldade em algumas disciplinas como: matemática, filosofia e sociologia. Confesso que foi difícil, tive que me dedicar muito aos estudos para superar meus limites. De acordo com MAZER et al, (2009, p.4,apud: BALLONE, 2004, s/p)“as dificuldades de aprendizagem não devem ser tratadas como se fossem problemas insolúveis, mas como desafios que fazem parte do próprio processo da aprendizagem”.

No decorrer dos períodos tive oportunidade de realizar atividades extraclases na disciplina de Metodologia de Língua Portuguesa, ocasião em que fui até a escola observar como os livros eram utilizados nas práticas pedagógicas dentro da sala de aula. Foram feitos também projetos de intervenção dentro da escola com vários temas na matéria de Projeto Integrado de Prática Educativa (PIPE), posteriormente apresentamos seminário. Segundo PEREIRA et al, (2011):

As atividades extracurriculares podem contribuir para o desenvolvimento desses estudantes durante o curso de graduação e

para o alcance dos seus objetivos profissionais e contribuir para a sua inserção no mercado de trabalho. (PEREIRA et al, 2011, p.2.)

Realizei também na disciplina de PIPE um memorial relatando minha trajetória escolar e formativa. VASCONCELOS, (2000) destaca que:

[...] resgatar histórias de vida permite vãos bem amplos. Possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados, como as pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que se lhes apresentam em seu cotidiano, transformando-o em espaço de imaginação, de luta, de acatamento, de resistência, de resignação e criação. Permite refletir a respeito da memória para muito além dos registros efetivos pela história oficial. Aponta para aquilo que é fabricado, inventado ou transmitido como realidade. Sinaliza também para tudo que é escondido, obscurecido, mascarado e precisa ser recuperado, libertado do silêncio, tirado da penumbra (VASCONCELOS, 2000, p. 09).

Outro componente curricular que fez toda diferença na minha formação foram os estágios supervisionados em Gestão Escolar, Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Por meio dos estágios pude vivenciar a indissociabilidade entre a teoria e a prática, o que aproxima o acadêmico da realidade concreta, futuro campo profissional, favorecendo condições para que os diferentes saberes aprendidos se revertam em capacidades específicas no exercício da profissão. Nessa perspectiva SILVA & GASPAR (2019, p. 207) destacam que:

O estágio é o lócus onde “a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida” no entrecruzamento dos percursos individuais e institucionais no âmbito do trabalho e da formação; uma ação vivenciada reflexiva e criticamente, em que aprender a ser professor vai além da compreensão teórica, adentrando as paredes da sala de aula, aproximando alunos da realidade em que irão atuar (SILVA & GASPAR, 2019, p. 207).

As avaliações das disciplinas realizadas ao final de cada módulo, com toda certeza, foram a parte mais difícil da minha trajetória durante o curso, pois possuía um volume excessivo de materiais para estudar para realização da prova, e além disso, a quantidade de provas durante o dia me deixava exausta, o que acabava contribuindo muitas vezes para que meu desempenho não fosse satisfatório em muitas das avaliações. De acordo LIBÂNEO (1999):

A avaliação escolar é parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem, sendo considerados os conhecimentos, habilidades e atitudes, assimilação e aplicação por meio de métodos adequados. Devem manifestar-se em resultados obtidos nos exercícios, provas, conversação, didática, trabalho independente. (LIBÂNEO, 1999, p. 200/201)

Diante da riqueza e complexidade dos conhecimentos ao longo de meu percurso formativo, para realização do TCC optei pela temática da alfabetização, abordando os problemas de aprendizagem, infelizmente muito comuns no decorrer desse processo. Minha opção encontra-se relacionada a observações dos diferentes níveis de compreensão dos alunos que compõem a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental em relação ao sistema de escrita.

Esta temática é de suma importância para o graduando do curso de pedagogia, tendo em vista que ele atuará na alfabetização, mediando a construção do conhecimento acerca do sistema de escrita.

Para aprofundar as considerações sobre o tema, a próxima seção deste trabalho abordará o referencial teórico que embasa as reflexões em busca do entendimento necessário a práxis pedagógica do professor alfabetizador.

## **O DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DOCENTE**

Nesta seção será desenvolvido o referencial teórico que respalda a abordagem da temática em estudo. Serão considerados estudiosos sobre o assunto, trabalhos e pesquisas que contribuem para uma reflexão sobre esta temática.

Neste sentido o presente texto está organizado na seguinte estrutura: no primeiro momento é abordado o processo de alfabetização, no segundo momento os problemas de aprendizagem na alfabetização e no terceiro momento a prática docente para alfabetização.

### **O Processo de Alfabetização**

No Brasil a alfabetização surgiu por volta do ano de 1500, em seu descobrimento. Os Portugueses enviaram os padres jesuítas na tentativa de converter os índios ao cristianismo e a uma nova cultura buscando “civilizá-los”. Os métodos utilizados para alfabetização consistiam na instrução sobre bíblia e os dogmas da igreja. Não havia linguagem escrita entre os índios, eles faziam uso de uma linguagem oral para transmitir sua cultura e ensinamentos para as próximas gerações. Para GADOTTI, (2008):

Os jesuítas não trouxeram somente valores morais e religiosos, mas também modelos de ensino para serem aplicados nos colégios da Companhia de Jesus. Este modelo foi escrito por Inácio de Loyola denominado de Ratio Studiorum. (GADOTTI, 2008 p. 72.)

Desse modo, os índios foram os primeiros a serem alfabetizados, porém, ao serem considerados ignorantes e incapazes de aprender por já possuir uma cultura implantada, foram abandonados. Os jesuítas começam então a transferir ensinamentos para os filhos dos colonizadores.

De acordo com Oliveira (2005), o processo de colonização não era uma prioridade para todos os cidadãos, pois as meninas tinham apenas as tarefas domésticas e as crianças negras não podiam frequentar a escola. Apesar disso, a educação religiosa jesuíta durou mais de dois séculos, terminando apenas com a expulsão dos padres jesuítas, em 1759, pelo Marquês de Pombal.

Salienta-se ainda que a alfabetização ganhou grande ênfase somente no século XIX, no entanto a problemática consistia na dificuldade dos estudantes em ler e

escrever. Com o passar das décadas, a alfabetização sofreu grandes transformações, sendo reconhecida sua importância como a base para transformação social e formação dos alunos. Sendo assim, visando atender aos novos interesses da educação foram estabelecidas práticas escolares e novas concepções e métodos que influenciaram fortemente a alfabetização contemporânea.

No início do século XX, algumas mudanças ocorreram em relação ao universo da alfabetização, o domínio do nome próprio não era suficiente para se considerar a pessoa alfabetizada. Em meados de 1940 pessoas que sabiam ler e escrever uma nota simples eram classificadas como alfabetizadas. Segundo Silva et al (2007):

Claro que se trata de uma caracterização imprecisa, afinal o que é “um simples bilhete?” De qualquer maneira, a definição supunha alguém que fazia alguma operação objetiva com a escrita, de modo que escrever e ler um bilhete simples pareceria uma espécie de “teste” - quem lê e escreve um bilhete simples deve saber ser capaz de fazer pequenas listas, copiar palavras, ler frases soltas. De toda maneira, esta definição já implicava que o mero conhecimento de letras, não poderia ser demonstração de alfabetização. (SILVA et al., 2007 p.20)

Ato contínuo, conforme elucida Silva (2011), a Carta Magna de 1988 foi um divisor de águas na história educativa do país. Na Constituição veio enunciado o direito à educação gratuita e obrigatória a todos os cidadãos brasileiros, conforme os artigos 205, 206, 208 e 214. Esta lei se tornou muito necessária porque garantiu que todos os brasileiros pudessem ter direitos à educação, direitos esses que foram negados nos períodos anteriores da trama do ensino país.

No mesmo sentido, o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe o direito à educação das crianças e dos adolescentes em inúmeras disposições. Todos os dispositivos normativos que se referem à educação têm o mesmo escopo: o completo crescimento do aprendiz, seu preparo para a prática da cidadania e sua qualificação para o universo do trabalho.

Feitas tais considerações, cumpre elucidarmos que a alfabetização está relacionada a cultura humana, a comunicação e as práticas sociais. Como um processo complexo, a alfabetização está intimamente articulada à aprendizagem, assim pela habilidade da leitura e da escrita o homem estabeleceu a comunicação e o acesso a informação, efetivando possibilidades de participação social.

Assim, o processo de alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como sinal de comunicação, no entanto, a criança ao ingressar no colégio já dispõe de uma bagagem de conhecimentos adquiridos no meio em que está inclusa. De

acordo com (SILVA, 2018, p.15 apud: FERREIRO, 2011, p. 63), “Estamos tão acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e escrita como um processo de aprendizagem escolar que se torna difícil reconhecermos que o desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes da escolarização”.

Importante ressaltar que aprender a ler e escrever é o precursor do desenvolvimento de habilidades pessoais críticas e autônomas. A alfabetização é desenvolvida no início da idade escolar e geralmente é considerada semelhante com o conceito de letramento. No entanto, embora sejam vistos como parte do mesmo processo de aprendizagem em que são desenvolvidas as habilidades de leitura e escrita, esses conceitos apresentam características específicas. Uma criança alfabetizada não é indispensavelmente uma criança letrada e vice-versa. As atividades envolvidas em cada um desses conceitos são diferentes. Um se refere ao processo de codificação e decodificação da escrita e dos números, o outro se refere à aptidão de dispor discursos, refletir, explicar e entender textos.

Nesse sentido, a alfabetização tem sido um assunto demasiadamente discutido pelos que se preocupam com o ensino, tendo em vista que há anos observam-se inúmeras dificuldades dos alunos na ocasião da aprendizagem da leitura e escrita. A alfabetização é o sustentáculo para uma educação construtiva, a qual promove às pessoas desenvolver a leitura, a escrita, a comunicação, as ideias e os pensamentos.

Diante desse contexto, Mortatti (2004) destaca que:

Saber ler e escrever, saber utilizar a leitura e a escrita nas diferentes situações do cotidiano, são, hoje, necessidades tidas como inquestionáveis para o exercício pleno da cidadania [...]. A prática da leitura e da escrita tornou-se uma prática necessária para a inserção do cidadão como sujeito ativo na sociedade do século XXI. (MORTATTI, 2004, p.15).

Com isso, as escolas vêm se empenhando em melhorar a forma de ensino para que o desenvolvimento dos alunos seja promovido de forma absoluta, não somente ensinando conteúdos, mas desenvolvendo sua criticidade e autonomia de pensamento para construção de uma sociedade melhor.

Nesse contexto, sabe-se que o professor alfabetizador é de fundamental importância, pois, sem a sua presença a aprendizagem da leitura e da escrita não acontece de forma satisfatória. Para saber ler e escrever é indispensável o acompanhamento e principalmente o diálogo, faz-se necessário também que os educandos se esforcem para compreender a forma pela qual transformamos letras em

palavras e textos. Como o docente é o dirigente nesse procedimento, cabe a ele escolher conteúdos que despertem o interesse e o contentamento do aluno por aprender.

O professor alfabetizador deve estar sempre disponível para aguçar a sensibilidade e a atenção das crianças para o material de fato relevante e preparar a situação em que elas possam participar ativamente desse trabalho de construção de hipóteses (FRANCHI, 2012, p. 206).

Aprender lendo, ser capaz de compreender o que lê, adquirir novo vocabulário, conhecer novas palavras e estabelecer relações melhores está diretamente relacionado ao ato de adquirir conhecimento. Portanto, ler é uma maneira de desenvolver habilidades de atuação. Para tanto, é necessário que o professor seja capaz de formular conceitos relacionados à importância do ato de ler na formação da cultura de um indivíduo.

Portanto, além do conhecimento sobre as letras, o professor precisa ensinar a seus alunos, ao mesmo tempo, a linguagem que se usa para escrever os diferentes gêneros. E a forma de ensinar isso é trazendo para dentro da sala de aula a diversidade textual que existe fora (BRASIL, 2000, p. 09).

Desta forma, pode-se concluir que o professor alfabetizador deve compreender os métodos de ensino, mas também deve tomar decisões que tornem os cursos mais dinâmicos e que o ambiente de ensino e aprendizagem seja organizado. “A abordagem de alfabetização centrada nos métodos de ensino e na prontidão para a aprendizagem reduz sua abrangência conceitual enquanto objeto de conhecimento e a visão acerca do sujeito que aprende” (MOLL, 2009, p. 63).

### **Os Problemas de Aprendizagem na Alfabetização**

A aquisição da leitura e escrita é importante para o desenvolvimento de uma criança dentro do contexto social. Dessa forma, quando o aluno aprende a ler e escrever começa a desenvolver e ampliar as possibilidades de comunicação no grupo social a que pertence, construindo sua própria história. Nessa perspectiva a leitura e a escrita têm um significado amplo, para além da codificação e decodificação.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação de texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem e etc. não trata de extrair informações decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégia, de seleção, antecipação, inferência e verificação sem as quais não é possível proficiência [...].

(PARAMETROS CURRICULARES DO ENSINO FUNDAMENTAL, 1998, p. 69)

Sabe-se que a prática da leitura cria uma interação com o mundo, onde os leitores desenvolvem a capacidade de dar sentido à multiplicidade de vozes que surgem no debate social e se expressam com a própria voz. Nesse mesmo sentido Soares (1998, p. 47) entende que “A leitura é interação verbal entre indivíduos, indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros; entre os dois: enunciação e diálogo”.

Tão importante quanto a leitura é a escrita. Ajuriaguerra e Grajan (1995) acreditam que a escrita envolve vários fatores, desde o cognitivo até o afetivo e o social. Isso significa que a escrita é o resultado de uma aprendizagem ligada a uma série de fatores e, sobretudo, à adaptação emocional, à escola e à personalidade individual das crianças, entre as quais podemos nos referir às preferências escolares, à relação entre casa e escola.

Do mesmo modo, Santana (2007) destaca que quando o aluno aprende a escrever ele começa exercer sua cidadania. Saber escrever torna-se fundamental na educação cívica, desenvolve a criatividade, aumenta o vocabulário, melhora o conhecimento, auxilia também na concentração e na construção de pensamentos.

A aprendizagem escolar é vista como um processo natural da criança, no entanto nem sempre este processo ocorre naturalmente para muitos educandos que experimentam diversas dificuldades no período de alfabetização. Para CIASCA (2003) as dificuldades de aprendizagem podem ser compreendidas como:

[..] uma categoria ampla de fenômenos que podem influenciar negativamente o aprendizado. Abrangem os problemas de aprendizagem e os problemas escolares, isto é, o modo como a escola lida com o processo de ensino-aprendizagem. Enquanto os problemas de aprendizagem concentram o peso da dificuldade no aluno, as dificuldades de aprendizagem incluem os fatores externos ao aluno. No caso da escola, são os problemas de origem pedagógica. (CIASCA, 2003, p. 31 apud LEITE, 2012, p. 16).

Para alguns autores as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas ao meio em que os indivíduos estão inseridos, não sendo assim, um fator inato. Weiss (1997) acredita que as dificuldades dos estudantes estão relacionadas a fatores tanto internos, quanto externos:

Essa insuficiência na aprendizagem escolar pode estar ligada à ausência de estrutura cognoscitiva, que permite a organização dos estímulos e favorece a aquisição dos conhecimentos. Todavia, a dificuldade em aprender pode estar relacionada a determinantes

sociais, da escola e do olhar de professor, do próprio aluno, ou seja, ligada a fatores internos (cognitivos e emocionais) e a fatores externos (culturais, sociais e políticos). (WEISS, 1997, p. 16).

De acordo com GOMES et al, (2012) vários motivos podem ocasionar as dificuldades de leitura e escrita:

Alterações na linguagem – atraso no desenvolvimento e utilização da linguagem, junto a um insuficiente nível verbal, com pobreza de vocabulário, podendo ocorrer erros na escrita; Erros na percepção (visual / auditiva) – fundamentalmente estão baseados numa dificuldade para memorizar os esquemas gráficos ou para discriminar qualitativamente os fonemas; Falhas de atenção - Dificulta a aprendizagem do emprego das letras e sons corretamente. (GOMES et al, 2012,p. 8).

Ainda neste sentido Sánchez Miguel; Martínez Martín, (1998) afirmam que as crianças podem ter dificuldades particulares na escrita, mas entendem perfeitamente a linguagem oral. Ademais, há alunos que sabem ler, mas não compreendem o que foi lido. Em outras situações, as crianças lêem mal as palavras e sentem dificuldades tanto na compreensão oral, quanto na escrita.

As dificuldades encontradas na prática da leitura provocam nos alunos obstáculos para pronunciar, soletrar e ainda causam perda do interesse pela leitura, vocabulário curto, memória visual deficiente e dificuldade de processamento auditivo.

Nesse sentido, Snowling(2004, p.62) pontuou as principais adversidades encontradas no âmbito da aprendizagem.

- Dislexia: desorganização na aprendizagem que afeta o poder da compreensão, da ortografia e da linguagem escrita, podendo ser detectada, igualmente, na discriminação dos números.
- Disortografia: caracteriza pela dificuldade de transcrever corretamente a linguagem oral, havendo trocas ortográficas e confusão de letras.
- Discalculia: esta dificuldade apresenta-se de formas variadas em seus diferentes níveis e complexas em sua origem. Podem aparecer já no aprendizado aritmético básico, bem como, tardiamente, na elaboração do pensamento matemático mais avançado. Também existem dificuldades advindas da imprecisa percepção de tempo e espaço, como na apreensão e no processamento de fatos matemáticos, em sua devida ordem.

Salienta-se ainda que as dificuldades de aprendizagem também podem estar relacionadas à família, ao professor da série anterior, à miséria, à ausência de políticas educacionais, bem como à problemas de saúde. Para Osti (2012):

As dificuldades de aprendizagem abrangem vários fatores, uma vez que envolvem a complexidade do ser humano. Acredita-se que podem ser decorrentes de um problema fisiológico, um estresse grande vivido pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, problemas com alcoolismo ou drogas,

separação dos pais, doenças, falta de alimentação, falta de material e estímulos, tédio na sala de aula, baixa autoestima, problemas patológicos como TDH (transtorno de déficit de atenção/hiperatividade), dislexias, psicopatias, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico e/ou escolar. (OSTI, 2012, p.47).

Além disso, durante o processo de alfabetização o professor pode cometer equívocos em sua condução, contribuindo assim para as dificuldades de aprendizagem das crianças. Dessa forma, um dos equívocos no processo da alfabetização encontra-se na exclusão de conteúdos específicos para o desenvolvimento das habilidades e consciência fonológica dos alfabetizandos.

Outro equívoco bastante comum encontra-se na interpretação da Psicogênese como um método. Mendonça & Mendonça (2011, p. 45) destacam que: “nem o construtivismo, nem a Psicogênese são métodos, mas ainda hoje é comum, ao se questionar um alfabetizador sobre qual é seu método de ensino, obter-se a resposta: método construtivista”. É possível verificar ainda equívocos em que se acredita que o aluno aprende a ler e escrever somente se ver o professor escrevendo na lousa ou até mesmo que durante a alfabetização a criança não precisa ser ensinada, ela aprende sozinha. Além disso, outro equívoco refere-se a correção, que o professor não deve corrigir o aluno. Entretanto, corrigir é essencial para que o aluno possa avançar no processo de alfabetização.

Por fim, tem-se o debate acerca do método tradicional de alfabetização por meio de cartilhas. A cartilha há muito faz parte do processo de alfabetização, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, a qual restringia a leitura com base em palavras-chave, principalmente nomes, utilizando a fonação e a soletração. As críticas referentes ao uso de cartilhas nas escolas se dão em razão de, segundo Charmeux (1995), tais materiais não passarem de “ferramentas prontas de aprendizagem”.

Hilário Rabelo (1936) autor de cartilha do ABC, parafraseado por Mortatti (2000), relata “Como a arte da leitura é a análise da fala, levemos desde logo o aluno a conhecer os valores fônicos das letras, porque é com o valor que há de ler e não com o nome delas” (RIBEIRO, 1936, apud MORTATTI, 2000, p.54). Mendonça & Mendonça (2011) afirmam que um trabalho sistemático de consciência fonológica deve ocorrer para que haja uma compreensão apropriada do sistema de escrita pela criança.

De acordo com Ribeiro (2005, p. 73): “As crianças com dificuldades de leitura e de escrita encontram-se frequentemente em desvantagem em todas as áreas curriculares,

o que por vezes leva à existência de repercussões intransponíveis.” Sendo assim, uma criança que não tenha consolidado sua alfabetização pode experimentar frustração mediante a educação formal, possuindo uma aprendizagem deficitária durante seu processo evolutivo, apresentando baixo rendimento escolar, baixa autoestima, problemas comportamentais, desinteresse e até mesmo o abandono escolar. Smith e Strick(2012) destacam que:

Embora muitas crianças com dificuldades de aprendizagem sentem se felizes e bem ajustadas, algumas (até metade delas, de acordo com estudos atuais) desenvolvem problemas emocionais relacionados. Estes estudantes ficam tão frustrados tentando fazer coisas que não conseguem que desistem de aprender e começam a desenvolver estratégias para evitar isso. Eles questionam sua própria inteligência e começam a achar que não podem ser ajudados. Muitos se sentem furiosos e põem pra fora, fisicamente, tal sensação; outros se sentem ansiosos e deprimidos. (SMITH E STRICK 2012 p.17).

Segundo Sampaio e Silva (2010), as dificuldades escolares e/ou problemas de aprendizagem podem ser considerados um dos motivos do insucesso escolar dos alunos. Isso significa que a escola jamais pode ignorar as dificuldades emocionais de seus educandos. Nesse contexto, a ansiedade é caracterizada por complexos fatores neurofisiológicos, emocionais, motivacionais e comportamentais; mas mesmo em face de tal complexidade, os professores podem encontrar maneiras de ajudar seus alunos a lidar com tais sentimentos. Sabe-se que falhas repetidas afetam negativamente a motivação e as crianças começam a acreditar que o esforço não as ajuda a ter um desempenho eficaz.

Desta forma, o alfabetizador precisa conhecer, por meio de um trabalho integrado entre família e escola, o que cada criança traz diante de suas experiências vividas anteriormente.

### **A Prática Docente para Alfabetização**

Sabe-se que a prática pedagógica não é um ofício fácil. A identidade do professor é marcada pela busca da liberdade de pensar, de ser e de criar. Assim, o docente deve trabalhar com o conhecimento em edificação e ter a educação como “compromisso político, carregado de valores éticos e morais [e que seja] capaz de conviver com a mudança e com a incerteza” (MIZUKAMI et al, 2002, p. 12).

Para Caldeira e Zaidan (2010):

a prática pedagógica é entendida como uma prática social complexa, acontece em diferentes espaços/tempos da escola, no cotidiano de professores e alunos nela envolvidos e, de modo especial, na sala de aula, mediada pela interação professor-aluno-conhecimento (CALDEIRA; ZAIDAN, 2010, p. 2).

Desse modo, ao adentrar na sala de aula de alfabetização é possível observar a diversidade de conhecimentos e experiências prévias dos alunos que se encontram no processo de alfabetização. Com isso, é indispensável que os docentes articulem uma práxis pedagógica reflexiva no período de alfabetização e letramento. Antunes (1999 apud BRASIL, 2012, p.22) destaca que cabe ao professor “o papel de mediador e motivador da aprendizagem, sempre atento às possibilidades e limitações no processo de apropriação do conhecimento pela criança”. É importante destacar ainda que o professor esteja em constante alerta as dificuldades dos seus alunos, buscando ajudá-los a avançar em seu desenvolvimento e ritmo de aprendizagem. Dessa maneira, o docente necessita estar disponível a ouvir as dúvidas e os anseios dos alunos.

Outro fator de suma importância para prática pedagógica na alfabetização está na diversificação de materiais didáticos, o livro didático não pode ser deixado de lado, porém não deve ser o único componente utilizado em sala de aula, outros recursos devem ser usados como: livros, jornais, revistas, folhetos, propagandas, computadores, calculadora, filmes e etc, na tentativa que ocorra uma aprendizagem significativa e prazerosa da leitura e escrita.

Ferreiro (2010, p. 98-99) destaca que “cabe a instituição escolar, possibilitar a criança o contato com os mais diferentes materiais, proporcionando um ambiente rico em escritas diversas, oferecendo a elas ocasiões para aprender com significado”.

Sendo assim, quando o professor mediador na construção de conhecimento desenvolve atividades diversificadas de leitura e escrita, criam situações que permitem aos estudantes refletir, questionar, elaborar hipóteses compreendendo o melhor funcionamento do processo de alfabetização. Nesse sentido torna-se:

Importante considerar, na organização das práticas pedagógicas de alfabetização, os conhecimentos que os alunos possuem acerca da escrita a fim de se planejar atividades que efetivamente possam contribuir para que todos os alunos avancem (BRASIL, 2012, p. 8)

Além disso, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, os docentes devem garantir experiências que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem

movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais;

Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade;

Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;

Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

Possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos; (BRASIL, 2010, p.25, 26 e 27).

Dessa forma, se o olhar docente estiver voltado para as distintas maneiras de aprendizagem existentes em sala de aula, conseguirá rever a prática pedagógica e pensar formas de melhoria no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, vale destacar ainda que uma ação docente estimuladora do processo de alfabetização deve buscar oferecer as crianças um ambiente acolhedor e organizado visando oportunizar a aprendizagem.

Caldeira e Zaidan (2010) destacam que:

a prática pedagógica não só expressa o saber docente como também é fonte de desenvolvimento da teoria pedagógica, pois, ao exercer a docência, de acordo com suas experiências e aprendizagens, o docente enfrenta desafios cotidianos - pequenos e grandes - que o mobilizam a construir e reconstruir novos saberes num processo contínuo de fazer e refazer (CALDEIRA; ZAIDAN, 2010, p. 3).

Mediante ao exposto é possível observar que a alfabetização vem passando por transformações ao longo dos anos, sendo necessário que os docentes alfabetizadores

busquem uma constante reflexão sobre o tema, almejando uma atuação didática capaz de orientar a criança em sua aprendizagem; considerando cada estudante em suas necessidades e peculiaridades; favorecendo, assim, uma alfabetização significativa na vida do aluno, não dando lugar ao fracasso escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A alfabetização é um tema que desencadeia inúmeras discussões em vários níveis de ensino. Desta forma, procuramos nesta breve análise pensar sobre a prática da alfabetização, seus desafios e possibilidades para o aprendizado da leitura em conjunto à escrita.

Assim sendo, o processo de alfabetização não consiste apenas em ensinar a ler e a escrever, pois demanda do professor uma postura que proporcione aos educandos a experiência do mundo letrado, de modo que eles compreendam o que se lê e se escreve, utilizando-se dessas práticas em seu cotidiano.

Entretanto, ao considerar a singularidade e a pluralidade encontradas dentro das salas de aulas, o docente ocupa uma posição muito importante na mediação para o desenvolvimento do conhecimento do aluno. É indispensável que as práticas docentes estejam adequadas a atender as diversas formas de aprendizagem dos alunos, repensando suas ações docentes visando à melhoria na qualidade do processo de ensino aprendizagem.

Ressalta-se ainda que, as dificuldades encontradas na alfabetização devem ser diagnosticadas precocemente, por meio da observação de professores e pais, para que, juntos, busquem intervenções adequadas às necessidades das crianças. Dessa maneira, a escola deve promover e colaborar com a família, conseqüentemente também com o aluno buscando superar as defasagens na aprendizagem, pois a responsabilidade é comum.

Nesse sentido, uma possibilidade de trabalho para buscar melhorias no processo de alfabetização, está nos conteúdos trabalhados de forma lúdica em um ambiente propício que oportunize a aprendizagem e favoreça o avanço conceitual das crianças no processo de alfabetização.

Em suma, se tratando de educação, não há teoria sem prática e nem prática sem teoria. E considerando a alfabetização e o letramento, teoria e prática caminham juntas, exigindo-se do professor procedimentos pertinentes a aprendizagem que permita ao estudante ser protagonista de tal.

## REFERÊNCIAS:

AJURIAGUERRA, J. & GRAJAN, A. **Manual de Psicopatologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BALLONE, G. B. **Dificuldades de Aprendizagem (ou Escolares)**, 2004. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752009000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100002). Acesso em 28/05/2021.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998 pp 69-70.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 1 de 15 de maio de 2006. **Institui Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Pedagogia**.

BRASIL, Secretaria de Educação. **Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação**. 2ª edição. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Básica para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - Brasília: MEC, SEB, 2012.

CALDEIRA, A. M. S; ZAIDAN, S. **Prática pedagógica**. 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/328-1.pdf>. Acesso em 11/09/2020.

CONNELLY, F. M. E CLANDININ, D.J. Relatos de Experiência e Investigación Narrativa. In: LARROSA, J. (org.). (1995). **Déjame que te cuente**. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

CHARMEUX, E. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizar letrando: da oralidade a escrita**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GADOTTI, Moacir. **História Das Ideias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008 p. 72.

GOMES, Elaine Cristina dos Santos et al. **As dificuldades no Processo de Aquisição da Leitura e da Escrita na Alfabetização Infantil**. Faculdade São Luis de França, 2012. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc2.pdf>. Aceso em 11/09/2021.

- LEITE, V. A. M. **Dimensões da Não Aprendizagem**. Curitiba, PR: IESDE, 2012.
- LIBÂNEO, José. Carlos. **Didática**. 15. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 18. Ed, São Paulo, Cortez, 2006.
- MENDONÇA, O. Schwartz e MENDONÇA, O. Correa. **Psicogênese da Língua Escrita: Contribuições, equívocos e Consequências para a alfabetização**. Unesp, Presidente Prudente e Assis, p3. 36-57, 2011.
- MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- MORTATTI, Maria do Rosário. **Educação e Letramento**. São Paulo: Unesp, 2004.
- MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: UNESP, 2000.
- MIZUKAMI, Maria da Graça N. et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- PEREIRA, A. K. et al. A Importância das Atividades Extracurriculares. **Rev. GUAL**. Florianópolis, Edição especial 2011, p.163-194. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/274671256.pdf>. Acesso em 15/05/2021
- OLIVEIRA, Paulo de. **História da educação no Brasil período Jesuítico**. Monografia apresentada pela Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2005.
- OSTI, A. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais: reflexões para a formação docente**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- RIBEIRO, Marta Flora Almeida. **“Ler bem para aprender melhor”**: um estudo exploratório de intervenção no âmbito da descodificação leitora. 2005. 230 f. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia - Braga: [s. n], 2005.
- RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 360-465.
- SAMPAIO, A. C.; SILVA, M. R. F. Prontuários médicos: reflexo das relações médico-paciente. **Revista Bioética**, Brasília, DF, v. 18, n. 2, p. 451-468, 2010. Disponível em:<[http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista\\_bioetica/article/view/576](http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/576)>. Acesso em: 27 nov. 2021.
- SANCHEZ, Fábio (coord.) **Anuário brasileiro estatístico de educação aberta e a distância – ABRAEAD 2005**. São Paulo: Instituto Monitor Ltda, 2005.
- SÁNCHEZ MIGUEL, E., MARTÍNEZ MARTÍN, J. Las dificultades en el aprendizaje de la lectura. In SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J.A. **Dificuldades de aprendizaje**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.
- SANTANA, I. A **Aprendizagem da Escrita**. Estudo sobre a revisão cooperada de texto. Porto: Porto Editora, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21.ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Alicia Mariani Lucio Landes da. **História da Educação**. Curitiba: Fael, 2011.

SILVA, Elissandra da. **Alfabetização E Letramento: Concepções e práticas dos professores no ciclo de alfabetização**. Disponível em: <http://www.faculdadedeitaituba.com.br/pdf.php?id=60&f=ALFABETIZA%C3%87%C3%83O%20E%20LETRAMENTO-%20Concep%C3%A7%C3%B5es%20e%20praticas%20no%20ciclo%20de%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20EMEF%20S%C3%A3o%20Tom%C3%A9%20Itaituba-PA.pdf>. Acesso em: 02/11/21.

SILVA, Ezequiel Theodoro da et al (Org.). **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA & GASPAR, Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. In BURIOLLA, M. A. **O estágio supervisionado**. São Paulo: Cortez, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v99n251/2176-6681-rbeped-99-251-205.pdf>. Acesso em 28/05/2021.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade**. Perspectiva, Florianópolis, 2010.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. In: Revista Brasileira de educação, n° 25, Rio Janeiro, jan./ abr. 2004.

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SNOWLING, M.. **Dislexia**. 2ª ed., São Paulo: Editora Santos, 2004.

VASCONCELOS, G. A. N. Puxando um fio. In: VASCONCELOS, G. A. N. (Org.). **Como me fiz Professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.149- 149.

VYGOTSKY, L.S.A. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEISS, L.M.L.L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: D.P & A. 1997.